

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

PLANO DE ENSINO
Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

UNIDADE CURRICULAR: ESTÉTICA	
FISIOGNOMIA DAS RUÍNAS: WALTER BENJAMIN E W. G. SEBALD	
Carga Horária Total da UC: 90 horas	
Professor(a) Responsável: LILIAN SANTIAGO	Contato: lsantiago@unifesp.br
Ano Letivo: 2020	Semestre: 2º SEMESTRE
Departamento: Filosofia	
OBJETIVOS	
<p style="text-align: right;"><i>MY MEDIUM IS PROSE, NOT THE NOVEL.</i></p> <p style="text-align: right;">W.G. SEBALD</p> <p style="text-align: center;"><i>ESCREVER A HISTÓRIA SIGNIFICA DAR ÀS DATAS A SUA FISIONOMIA</i></p> <p style="text-align: center;">WALTER BENJAMIN, LIVRO DAS PASSAGENS, [N 11, 2]</p> <p style="text-align: center;"><i>APRENDEM OS HOMENS DA CATÁSTROFE O QUE A COBAIA APRENDE SOBRE BIOLOGIA</i></p> <p style="text-align: right;">BERTOLD BRECHT</p>	
GERAIS:	
<p>As experimentações literárias do escritor alemão W.G. Sebald e, ao mesmo tempo, as propostas filosóficas de Walter Benjamin, merecem uma tentativa de aproximação, não apenas pela atenção e pela atualidade reconhecida para ambos autores pela fortuna crítica consolidada nos últimos tempos, mas também porque seus temas de pesquisa se acasalam, em manifestações estéticas vigentes, tais como nos conceitos de alegoria, de catástrofe, de fragmentos, de memória e de história, tanto nas suas formas expressivas escritas em prosa, no caso de Sebald, quanto nas intuições que geram um pensamento filosófico por fragmentos em Benjamin.</p> <p>Colocamos como traço de união conceitual a fisiognomia, porém à luz do trabalho do crítico literário italiano Davide Stimilli, que sempre nos presenteia com desvios conceituais sofisticados e eruditos que nos fazem observar com calma as formas complexas da linguagem literária na qual intervém a imagem como representação visual. Talvez não em uma ordem estrita, mas antes o fez com Kafka e sua K carimbada na frente na figura do <i>Kalumniator</i> e, agora, com sua <i>prosopagnosia</i>, a preeminência da figura sobre o rosto como legado</p>	

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

inescrutável do humanismo grego. Esse foi o preço que o humanismo precisou pagar, segundo fala Stimilli, para cumprir com o desejo dos deuses parecerem humanos, isto é, um apagamento do rosto, a destruição de suas expressões, quem sabe, das expressões gerais das paixões.

A face is no body, personne. Com esse belo trocadilho Stimilli nos fala que se trata do mesmo adjetivo utilizado por Platão a propósito da descrição que faz de Cármides, *aprosōpos* (literalmente, sem rosto), termo que mais tarde será usado pela lei grega para se referir aos escravos como aqueles que não tinham rosto, sendo, portanto, uma pessoa sem identidade jurídica. Assim sendo, a fisionomia poder-se-á definir como um conceito que manifesta uma resistência a essa obliteração programática da face humana. Sócrates passa a questionar Cármides para testar, se a inegável beleza de sua aparência corresponde com uma beleza interior que, como podemos esperar, se tratando de Sócrates, é mais importante. Sócrates começa por convidar ao jovem para falar: “Fala para eu poder te ver”. O imperativo é citado uma e outra vez pelos críticos na tentativa de dispensar o clamor interpretativo pela fisionomia; o homem realmente se revela por meio da linguagem, não por meio de seu rosto. A linguagem representa, portanto, a verdadeira face do homem, a linguagem é a face da alma, não o corpo: *oratio vultus animi*, uma expressão utilizada por Leo Spitzer para resumir seu credo como crítico. Infelizmente, Spitzer erra sua fonte (*misquotes*), pois, Sêneca quis dizer *oratio* como *cultus* da alma e não *vultus* (*oratio cultus animi*). Esse erro de Spitzer é um recordatório edificante para pensarmos que a fisionomia da linguagem não é necessariamente mais transparente que a linguagem da fisionomia. Nesse sentido, Stimilli nos adverte, stimillantemente, que confundimos palavras com a mesma facilidade que confundimos rostos.

Na tentativa de apresentar o rosto, nos mostrando a *facies hippocratica da alegoria [prognose]*, Benjamin, no *Drama Barroco*, fala que a fisionomia alegórica da história natural, que o drama trágico coloca em cena, está realmente presente sob a forma de ruína. Com a alegoria, a história acabou se tornando uma encenação. Nesse sentido, a história já não se revelará como processo de vida eterna [*Immortality*], mas antes como uma progressão de um inevitável declínio. Para Benjamin, as alegorias são, portanto, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas. Daí vem o culto barroco pela ruína. A fisionomia não é apenas uma ciência da expressão humana, do conhecimento da condição interior do indivíduo proveniente da face, mas também do reconhecimento da *prima facie* do outro. O fisionomista é um quiromante do rosto. Como nos fala Todorov, a fisionomia é uma constelação de traços que conduz a outro lugar, por trás ou além da própria face. Ela expressa uma natureza que é latente, não patente. Hipócrates descreve em seus tratados como podemos ler os sintomas de uma doença através da variação do rosto e reconhecer a chegada da morte pela distorção de suas expressões. A face, na prognose, se torna, ao mesmo tempo, cenário e protagonista da agonia entre a vida e a morte. Na medida em que observamos as transformações da morte nas linhas do rosto, a vida acaba se tornando um *Campo Santo*, como mais tarde nos falará Sebald. Nos lembra Todorov que nos rituais de morte antigos uma máscara era colocada sobre a face do cadáver para que se pudesse conservar a fisionomia para a eternidade. A máscara, portanto, acabava se apropriando da fisionomia

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

do cadáver, imortalizando sua natural decomposição, pois, a face hipocrática não é nada mais do que um aforismo da morte que deve ser escrito sobre um corpo. Nesse sentido, essa máscara mortuária representa uma ruína alegórica: vestígio da vida, corpo digno da morte.

O rosto é visão. Esta premissa pode ser entendida em alemão, em que a palavra *Gesicht* alude tanto à faculdade como ao objeto de visão. Do mesmo modo, em italiano em que *viso* (Lat. *Visum-visus*) também admite os dois sentidos. Stimilli chama nossa atenção para as páginas de abertura dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge* de Rilke, *Gesicht ist Gesicht, (a face é a face)* pedindo para não cairmos na tentação da interpretação tautológica, pois, o poeta explica, *Ich lerne sehen* (Estou aprendendo ver). Para o poeta a visão não é a face. A visão se torna face por meio da linguagem. Temos antes nos um impasse entre a *prosopagnosia* da visão (elisão do rosto) e a *prosopopeia* da linguagem (“enrostamento” da linguagem). É nesse impasse que queremos colocar o tema desta matéria: *Fisiognomia das ruínas*, esse “enrostamento” da linguagem que nos faz reconhecer o presente como ruínas e como elas aparecem, tomam forma e corpo tanto na linguagem filosófica de Benjamin quanto na linguagem literária de Sebald nos mostrando, seus contornos circulares, como em Borges ou, como fala Emily Dickinson, sua estratégia, a imortalidade (*Of Immortality, his Strategy, Was Physionogmy.*)

Esse aprender ver, portanto, é dispor de uma agudeza visual, capaz de discernir nos rostos, nos objetos, nas imagens, nos acontecimentos e nas linguagens que todos olhamos como algo insólito. Essa agudeza visual a podemos identificar nos trabalhos de Walter Benjamin e de W. G. Sebald e, nossa proposta de leitura para eles é, a de tentarmos recriar uma filosofia do tempo literário presente explorando suas cercanias, seus conteúdos e suas formas sob o signo da catástrofe, da história, da memória e da alegoria. As micronarrativas de Sebald nos lembram, como afirma Benjamin na sua quinta tese, essa “[...] imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela”. Com Benjamin temos aprendido que o filósofo é um passeante que sabe se assombrar ante imagens que, para o resto do mundo, formam parte da paisagem. Nessa paisagem se adentra Sebald caminhando com os passos abatidos daquele refugiado que caminha entre escombros, entre os escombros da história, como fala Maria Zambrano, isto é, na vertigem das ruínas da destruição do pós-guerra.

Essas imagens dialéticas da catástrofe são testemunhas da brutalidade do sofrimento que se estende a toda a paisagem natural dos seres humanos e, que tem como marca de nascimento, um *Wasteland*. Nesse sentido, acentua-se o desequilíbrio entre a natureza e as formas de habitar nela, pois, a história natural, para Sebald, é a expressão de uma essencialidade ambígua: a inadequação entre a vida e a morte. Sebald, nos seus textos, nos apresenta as lembranças de uma guerra com panorâmicas de uma história natural em que as representações de guerra têm se tornado no cenário de suas reflexões, não tanto estéticas, porém dando forma literária à catástrofe. A tempestade de aço, utilizando a expressão de outro escritor alemão, Ernst Jünger, representa a descrição literária da destruição produto do bombardeio das cidades alemãs na fase final da Segunda Guerra Mundial. Para Sebald, esse cenário teatralmente monumental de uma cidade em ruínas considera o que Elias Canetti escreverá mais tarde sobre os projetos arquitetônicos de Albert Speer: apenas de sua

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

tendência à eternidade e sua monumentalidade, a ideia de que um estilo arquitetônico só pode levar a um estatuto de elevação sua arte em um estado de destruição. Caminhar entre os escombros de uma Alemanha devastada, ressuscitar para a literatura esses cacos nos permite pensar, com o escritor, que os aliados não bombardearam por moral, muito pelo contrário, bombardearam a moral alemã e sua incapacidade de rememorar, nessas cinzas, suas atrocidades. Esse signo de devastação se acumula como ruína de uma catástrofe natural. A destruição, portanto, apresenta uma testemunha literária que mostra como as personagens afetadas, ainda em meio à catástrofe, são incapazes de lerem o grau real de ameaça quando aceitam um compromisso com a destruição. Essa compreensão da catástrofe, da experiência da destruição, desse caminhar do refugiado entre os escombros, coloca ante nós uma crítica ao passado, mas também ao presente incapaz de assumir sua responsabilidade histórica.

Como nos fala Eduardo Zorita Maura, a restauração da lembrança que nos apresenta Sebald pode ter resposta nas intuições filosóficas de Benjamin quando o filósofo associa a contemplação das injustiças passadas que cada geração, inspirada pela pequena força messiânica, deve tentar reparar, pois, como fala Benjamin, “o despertar é a revolução copernicana, isto é, a dialética da rememoração.” Do mesmo modo, podemos observar esse desejo de restauração quando Benjamin fala que em qualquer época, os vivos descobrem-se no meio-dia da história. Espera-se deles que preparem um banquete para o passado. O historiador, no caso de Sebald, o escritor ou cronista, portanto, é o arauto que convida os defuntos à mesa. Contudo, as narrativas de Sebald, além de nos apresentar a naturalidade da destruição, apresentam personagens que se tornam, por assim dizer, herdeiros da falta do consolo. Elas avançam em direção a um destino desconhecido, se detendo ante ele, como as vítimas se detinham ante os trens que conduziam a Auschwitz. Muitas vítimas tentam desterrar o que lhes tem acontecido, se conformando com ilhas de amnésia. Porque, afinal de contas, a vítima sempre será vítima. Forma parte de seu estado de ânimo que ninguém possa compensar seu sofrimento. Sebald nos adverte que a poesia rejeita toda realidade que pese mais do que ela. Esse estado de ruínas apresentado pelo escritor é capaz de ser narrado apesar de sofrer do mal da testemunha, como nos fala Celan, *Niemand zeugt für den Zeugen*, esses que não nos puderam falar e, que, mesmo assim, ainda nos falam.

Benjamin, por seu turno, reconhece no *Fragmento teológico-político*, a existência de uma ordem profana e de uma ordem messiânica. A ordem profana se reporta à felicidade dos vivos e, a ordem messiânica, à felicidade dos mortos. Ambas as ordens estão representadas por setas que se movem em paralelo, mas em sentido oposto: uma tende à felicidade e outra à redenção. O que é importante neste quadro teológico benjaminiano é a ideia de que a ordem da redenção (o destino da felicidade dos vencidos), é fundamental para a felicidade dos vivos (ordem profana). Se estas duas ordens não tivessem nenhuma relação, então, como aponta Reyes Mate, haveria que dar razão a Hegel quando falava que a história avança pisando as flores da beira do caminho ou a Darwin (os mais fortes sobrevivem). Se os mortos não importam, então, a felicidade não é coisa do homem, senão do sobrevivente. Se importa a vida de todos, então, relacionaremos a vida vencida dos mortos com os interesses dos vivos, nos negando a seguirmos um projeto que pressupõe o desprezo pelos vencidos. Quando

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

damos o passo para o esquecimento da morte, perpetramos um crime hermenêutico que se soma ao crime físico. Nada impede, então, que apliquemos à vida individual ou coletiva o princípio darwinista de que a vida é determinada pelos mais fortes. Dessa forma, a ordem da redenção, que dá importância hermenêutica às flores na beira do caminho, é determinante para o destino dos vivos. Na ordem da redenção, embora seja radicalmente diferente da ordem do profano, já que está constituída por outra lógica, fecunda, no entanto, o anseio de felicidade dos vivos porque nos protege da lógica darwinista que anima o progresso. Ante isso, Reyes Mate se pergunta se, com Benjamin, temos avançado muito no que diz respeito à ideia de Horkheimer de que o que mais pode fazer a lembrança é reconhecer a vigência das injustiças passadas. Com Benjamin e, sua insistência na redenção, podemos declarar que o crime não prescreve e que, portanto, podemos abrir todos os expedientes que o direito dá por encerrados.

Por último, como fala Benjamin, o princípio organizador desta matéria será a montagem literária, um apanhado de fragmentos, micronarrativas, conceitos, reflexões filosóficas; formulações não espirituosas, mas esparsas. Não são propriamente farrapos, mas sim resíduos; como Benjamin, não pretendemos inventariá-los, contudo, fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os. No livro das *Passagens*, em carta de Adorno dirigida a Benjamin, podemos ler uma citação do Drama Barroco: “[...] na alegoria, a *facies hippocratica* da história revela-se ao observador como paisagem primeva petrificada”. Essa fisionomia que se mantém presente na poesia de Emily Dickinson,

*How firm Eternity must look
To crumbling men like me
The only Adamant Estate
In all Identity –
How mighty to the insecure
Thy Physiognomy
To whom not any Face cohere –
Unless concealed in thee*

representa a fisionomia perdida que a filosofia do tempo literário que Sebald pretende revisar: “Assim, tanto pelo trabalho exigido como pela criação de uma nova realidade despida de fisionomia própria, ela impediu de antemão qualquer recordação do passado, direcionando a população, sem excesso, para o futuro e obrigando-a ao silêncio sobre aquilo que enfrentara.”

ESPECÍFICOS:

Constelar os fragmentos filosóficos de Walter Benjamin com a filosofia literária do tempo presente de W. G. Sebald.

EMENTA

O curso propõe examinar, por um lado, os grandes sistemas da Estética, de outro, permitir a reflexão sobre as produções artística na história da cultura.

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- **As flores do caminho: Benjamin e o Fragmento teológico-político.**
- **Tempestades de aço: W.G. Sebald e a guerra aérea.**
- **O historiador é o arauto que convida os defuntos à mesa: Anotações sobre as teses benjaminianas.**
- **Narrativas ambulatórias: Vertigem, Os emigrantes, Os anéis de saturno, Austerlitz e Campo Santo**
- **Últimas polaroides: *O passado deixou nos textos literários imagens de si mesmo, comparáveis às imagens que a luz imprime sobre uma chapa sensível*: W. G. Sebald e Walter Benjamin.**

METODOLOGIA DE ENSINO

Atividades Síncronas:

- Os encontros síncronos serão realizados toda quinta a partir do dia 19-11. A turma vespertina será reunida das 14h até às 18h. A turma noturna será reunida das 19h até às 21h.
- As aulas serão expositivas, visando tomar a primeira parte da aula para realizar a apresentação do material e, a segunda parte da aula, será dedicada para a discussão de textos em diálogo direto com os alunos e alunas.
- Os encontros serão realizados por meio da plataforma Google Meeting.

Atividades Assíncronas:

- Os alunos que não possam acompanhar as aulas síncronas receberão um resumo semanal das discussões realizadas em aula, ora por material escrito, ora por podcasts semanais realizados pela professora.
- **Disponibilização de Material:** A bibliografia do curso será disponibilizada por meio do repositório virtual: Google Classroom.

AValiação:

Cumprido/não cumprido

- Prova Parcial e Prova Final

Duas provas tipo *take home*. Os alunos e as alunas terão duas semanas para elaborar duas provas de arguição respectivamente (parcial e final) vinculadas aos conteúdos e às discussões realizadas na matéria. Avaliaremos exposição, forma e conhecimento

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

do material discutido em aula. As datas da distribuição das provas e sua entrega estarão especificadas no cronograma do curso que será entregue no primeiro dia de aula.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, GIORGIO. *INFÂNCIA E HISTÓRIA: DESTRUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA E ORIGEM DA HISTÓRIA*. TRAD. HENRIQUE BURIGO. BELO HORIZONTE: EDITORA DA UFMG, 2005.

ARENDDT, HANNAH. *HOMENS EM TEMPOS SOMBRIOS*. TRAD. DENISE BOOTMANN. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2015.

AUGÉ, MARC. *EL TIEMPO EN RUINAS*. TRAD. TOMÁS FERNÁNDEZ E BEATRIZ EGUIBAR. BARCELONA: GEDISA, 2003.

ANDRADE, ANA LUIZA; LOPES DE BARROS, RODRIGO; SCHMITT, CARLOS EDUARDO CAPELA, (ORGS.) *RUINOLOGIAS. ENSAIOS SOBRE DESTROÇOS DO PRESENTE*. FLORIANÓPOLIS: EDITORA UFSC, 2016.

ANDRADE, MARIA MERCEDES (ORG.) *WALTER BENJAMIN, AQUÍ Y AHORA*. COLOMBIA: UNIVERSIDAD DE LOS ANDES, 2018.

BANKI, LUISA. *POST-KATASTROPHISCHE POETIK. ZU W. G. SEBALD UND WALTER BENJAMIN*. PADERBORN: FINK, 2016.

BARTHES, ROLAND. *A CÂMARA CLARA. NOTAS SOBRE A FOTOGRAFIA*. TRAD. JÚLIO CASTAÑÓN GUIMARÃES. RIO DE JANEIRO, NOVA FRONTEIRA, 2018.

BARRENTO, JOÃO. *LIMIARES SOBRE WALTER BENJAMIN*. FLORIANÓPOLIS: EDITORA DA UFSC, 2013.

BENJAMIN, WALTER. *ORIGEM DO DRAMA TRÁGICO ALEMÃO*. TRAD. JOÃO BARRENTO. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2011.

_____. *PASSAGENS*. ORGANIZAÇÃO WILLI BOLLE; COLABORAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO OLGÁRIA MATOS, TRADS. IRENE ARON E CLEONICE PAES BARRETO. BELO HORIZONTE. EDITORA UFMG, 2018.

_____. *RUA DE MAO ÚNICA*. TRADS. RUBENS RODRIGUEZ TORRES FILHO E JOSÉ CARLOS MARTINS BARBOSA. REVISÃO TÉCNICA. MARCIO SELIGMANN-SILVA. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 2012.

_____. *O ANJO DA HISTÓRIA*. TRAD. JOÃO BARRENTO. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2012.

BLACKLER, DEAN. *READING W. G. SEBALD. ADVENTURE AND DISOBEDIENCE*. ROCHESTER, NEW YORK: CAMDEN HOUSE, 2007.

CANETTI, ELIAS. *SOBRE A MORTE*. TRAD. RITA RIOS. SÃO PAULO: ESTAÇÃO LIBERDADE, 2009.

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

- CORONA, JAVIER FERNÁNDEZ (ORG.) *CONSTELACIONES Y CAMPOS DE FUERZA EN LA TEORÍA CRÍTICA ACTUAL*. GUANAJUATO, MÉXICO: EDITORIAL DE LA UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO, 2018.
- DE LUELMO, JOSÉ MARÍA. “ANDANTE MA NON TROPPO: W. G. SEBALD.” *PASAJES*, N. 47, PRIMAVERA, 2015, PP.98-107.
- DERRIDA, JACQUES. *DAR LA MUERTE*. TRADS. CRISTINA DE PERETTI E PACO VIDARTE. BARCELONA: PAIDÓS, 2000.
- _____. *EL SIGLO Y EL PERDÓN. ENTREVISTA COM MICHEL WIEVIORKA*. TRAD. MIRTA SEGOVIANO. BUENOS AIRES: EDICIONES LA FLOR, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, GEORGES. *CASCAS*. TRAD. ANDRÉ TELLES. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2017.
- _____. *SORTIR DU NOIR*. PARIS: MINUIT, 2015.
- DUBOW, JESSICA. “CASE INTERRUPTED: BENJAMIN, SEBALD, AND THE DIALECTICAL IMAGE.” *CRITICAL INQUIRY*, VOL. 33, N. 4, SUMMER 2007, PP. 820-36.
- FERNÁNDEZ, JESÚS ORRICO. *EPISTEMOLOGÍA POÉTICA: ESTUDIOS SOBRE LA ARQUITECTURA DE LA ALEGORÍA EN BALTASAR GRACIÁN Y WALTER BENJAMIN*. FRANKFURT AM MAIN: PETERLANG, 2017.
- FREUD, SIGMUND. (1898). *O MECANISMO PSÍQUICO DO ESQUECIMENTO*. RIO DE JANEIRO: IMAGO, 1996.
- FUCHS, ANN. “SEBALD’S PAINTERS: THE FUNCTION OF FINE ARTS IN HIS PROSE WORKS.” *THE MODERN LANGUAGE REVIEW*. JAN. 2006 VOL. 101, N.1, PP. 167-83.
- GATTI, LUCIANO. “OS DUPLOS DE SEBALD”. *REVISTA SERROTE, IMS*, N. 10, 2012.
- GILLOCH, GRAEME. “THE ARCA PROJECT: W.G. SEBALD’S CORSICA.” IN, BAXTER, JANET; HINITIUK, VALERIE; HUTCHISON, BEN (ORGS.). *A LITERATURE OF RESTITUTION: CRITICAL ESSAYS ON W.G. SEBALD*. MANCHESTER: MANCHESTER UNIVERSITY PRESS, 2013.
- HYUSSEN, ANDREAS. “NOSTALGY FOR RUINS”. *GREY ROOM*, N.23, 2006.
- _____. “AIR WAR LEGACIES: FROM DRESDEN TO BAGHDAD”. *NEW GERMAN CRITIQUE*. N. 90. AUTUMN, 2003, PP. 163-76.
- JACOBS, CAROL. *SEBALD’S VISION*. NEW YORK: COLUMBIA UNIVERSITY PRESS, 2015.
- KAUFMANN, DAVID. “ANGELS VISIT THE SCENE OF DISGRACE: MELANCHOLY AND TRAUMA FROM SEBALD TO BENJAMIN AND BACK”. *CULTURAL CRITIQUE*, FALL, 2008, N. 70, PP. 94-119.
- KILBOURN, RUSSELL J. A. *W.G. SEBALD’S POSTSECULAR REDEMPTION: CATASTROPHE WITH SPECTATOR*. EVANSTON, ILLINOIS: NORTHWESTERN UNIVERSITY PRESS, 2018.
- KIM, DAVID D. *COSMOPOLITAN PARABLES: TRAUMA AND RESPONSIBILITY IN CONTEMPORARY GERMANY*. EVANSTON, ILLINOIS: NORTHWESTERN UNIVERSITY PRESS, 2017.

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

KLEINBERG, DAVID LEVIN. *REDEEMING WORDS. LANGUAGE AND THE PROMISE OF HAPPINESS IN THE STORIES OF DÖBLIN AND SEBALD*. NEW YORK: STATE OF NEW YORK PRESS, 2013.

KUFFER, PAULA DINERSTEIN. *ESCRIBIR HISTORIA SIGNIFICA DA SU FISIONOMÍA A LAS CIFRAS DE LOS AÑOS. DE BENJAMIN A SEBALD A TRAVÉS DE LA HISTORIA: EN TORNO AL TESTIMONIO Y LA REPRESENTACIÓN*. TESIS PRESENTADA AL DEPARTAMENTO DE FILOSOFÍA. FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS DE LA UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE BARCELONA, JUNIO DE 2011.

LONG, JONATHAN. J. *W.G. SEBALD: IMAGE, ARCHIVE, MODERNITY*. EDINBURGH: EDINBURGH UNIVERSITY PRESS, 2007.

LOWY, MICHAEL. WALTER BENJAMIN: *AVISO DE INCÊNDIO. UMA LEITURA DAS TESES “SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA”*. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2005.

MATE, REYES. *MEDIANOCHE EN LA HISTORIA. COMENTARIOS A LAS TESIS DE WALTER BENJAMIN. SOBRE EL CONCEPTO DE HISTORIA*. MADRID: EDITORIAL TROTTA, 2006.

_____. *MEMORIA DE AUSCHWITZ. ATUALIDAD MORAL Y POLÍTICA*. MADRID: TROTTA, 2003.

MATOS, OLGÁRIA. “WALTER BENJAMIN: A CITAÇÃO COMO ESPERANÇA”. REVISTA SEMEAR, N.6. IN: [HTTP://WWW.LETRAS.PUC-RIO.BR/CATEDRA/REVISTA/6SEM_20.HTML](http://WWW.LETRAS.PUC-RIO.BR/CATEDRA/REVISTA/6SEM_20.HTML).

MAURA, EDUARDO ZORITA. “*MORITURI TE SALUTANT*. UNA APROXIMACIÓN FILOSÓFICA A LAS REPRESENTACIONES DEL MAL EN LA LITERATURA RECIENTE”. *LOGOS, ANALES DEL SEMINARIO DE METAFÍSICA*. VOL. 41 (2008): PP. 131-53.

MILLER, EMILY BUDICK; E. MILLER BUDICK (ORGS.) *THE SUBJECT OF HOLOCAUST FICTION*. BLOOMINGTON, INDIANA: INDIANA UNIVERSITY PRESS, 2015.

OEHLER, DOLF. “ALUCINAÇÕES E ALEGORIAS. W.G. SEBALD SE RECORDA DE W. BENJAMIN, LEITOR DE PARIS.” TRAD. VERA LINS. NOVOS ESTUDOS CEBRAP, SÃO PAULO, N.89, MAR. 2011.

PEARSON, A., “REMEMBRANCE ... IS NOTHING OTHER THAN A QUOTATION. THE INTERTEXTUAL FICTIONS OF W. G. SEBALD.” *COMPARATIVE LITERATURE, VOL. 60*.

PENSKY, MAX. *MELANCHOLY DIALECTICS. WALTER BENJAMIN AND THE PLAY OF MOURNING*. AMHERST: UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS PRESS, 1993.

PITTS, TERRY. “UNE CATASTROPHE SILENCIEUSE. SEBALD A MANCHESTER.” *LIGEIA*. VOL. 24, ED. 105-08, 2011, PP. 240-80.

RICHTER, GERHARD. *INHERITING WALTER BENJAMIN*. BLOOMSBURY PUBLISHING, 2016.

RUMOLD, RAINER. *ARCHAEOLOGIES OF MODERNITY: AVANT-GARDE BILDUNG*. EVANSTON, ILLINOIS: NORTHWESTERN UNIVERSITY PRESS, 2015.

SALTZMAN, LISA. *DAGUERREOTYPES. FUGITIVE SUBJECTS, CONTEMPORARY OBJECTS*. CHICAGO: UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS, 2015.

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

SANTNER, ERIC L. *ON CREATURELY LIFE: RILKE, BENJAMIN, SEBALD*. CHICAGO-LONDON: UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS, 2006.

SCHOLEM, GERSHOM. *WALTER BENJAMIN Y SU ÁNGEL*. TRADS. RICARDO IBARLUCÍA E LAURA CARUGATI. ARGENTINA: FONDO DE CULTURA DA ARGENTINA, 1998.

SCHWARTZ, LYNNE SHARON (ED.) *THE EMERGENCE OF MEMORY. CONVERSATIONS WITH W. G. SEBALD*. NEW YORK: SEVEN STORIES PRESS, 2007.

SEBALD, WINFRIED GEORG. *NACH DER NATUR. EIN ELEMENTARGEDICHT*. FRANKFURT AM MAIN: FISCHER, 1988. TRAD. INGLÊS. AFTER NATURE. TRAD. MICHAEL HAMBURGER. NEW YORK: THE MODERN LIBRARY, 2002.

----- . *SCHWINDEL GEFÜHLE*. FRANKFURT AM MAIN: EICHBORN, 1990. TRAD. PORTUGUÊS. *VERTIGEM*. TRAD. JOSÉ MARCOS MARIANI DE MACEDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2008.

----- . *DIE AUSGEWANDERTEN, VIER LANGE ERZÄHLUNGEN*. FRANKFURT AM MAIN: EICHBORN, 1992. TRAD. PORTUGUÊS. *OS EMIGRANTES*. TRAD. JOSÉ MARCOS MARIANI DE MACEDO. SÃO PAULO, 2009.

----- . *DIE RINGE DES SATURN. EINE ENGLISCHE WALLFAHRT*. FRANKFURT AM MAIN, 1995. TRAD. PORTUGUÊS. OS ANÉIS DE SATURNO. TRAD. JOSÉ MARCOS MARIANI DE MACEDO. SÃO PAULO, COMPANHIA DAS LETRAS, 2010.

----- . *LUFTKRIEG UND LITERATUR*. MÜNCHEN: HANSER, 1999. TRAD. PORTUGUÊS. *GUERRA AÉREA E LITERATURA*. TRADS. CARLOS ABBENSETH E FEDERICO FUGUEREIDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2011.

----- . *AUSTERLITZ*. MÜNCHEN: HANSER, 2001. TRAD. PORTUGUÊS. *AUSTERLITZ*. TRAD. JOSÉ MARCOS MARIANI DE MACEDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2008.

----- . *CAMPO SANTO*. MÜNCHEN: HANSER, 2003. TRAD. INGLÊS. *CAMPO SANTO*. TRAD. ANTHEA BELL. NEW YORK: RANDOM HOUSE, 2005.

SEDLMAYER, SABRINA; GUINZBRUG, JAIME (ORGS.) *WALTER BENJAMIN. RASTRO, AURA E HISTÓRIA*. BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2012.

----- . ET. AL. (ORGS.) *LIMIARES E PASSAGENS EM WALTER BENJAMIN*. BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2010.

SONTAG. SUSAN, "A MIND IN MOURNING: W.G. SEBALD'S TRAVELS IN SEARCH OF SOME REMNANT PAST", *TIMES LITERARY SUPPLEMENT*, 25 FEVEREIRO, 2000.

STIMILLI, DAVIDE. *THE FACE OF IMMORTALITY. PHYSIOGNOMY AND CRITICISM*. NEW YORK: STATE UNIVERSITY OF NEW YORK PRESS, 2005.

TEDESCO, SALVATORE. *FOUCO PALLIDO. W.G. SEBALD: L'ARTE DELLA TRASFORMAZIONE*. MILANO: MELTEMI EDITORE, 2019.

WALSER, ROBERT. *EL PASEO*. TRAD. CARLOS FORTEA. MADRID: SIRUELA, 1996. [DER SPAZIERGANG, 1917]

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

DOCENTES PARTICIPANTES				
Nome	Origem (Curso)	Titulação	Regime de Trabalho	Carga Horária
	Filosofia		DE	40h

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

Cronograma

De 18/11/2020 a 02/03/2021 (Recesso 23/12/20 a 03/01/2021)

Dias	Atividades	Horas
19-11	Síncronas: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do curso e da ementa 	4h
19-11	Assíncronas: Alternativas de atividades assíncronas (para os alunos que não puderem participar dos encontros síncronos): <ul style="list-style-type: none"> • Ler a ementa que será enviada pela internet. Estabelecer contato com a Professora. Elaborar plano de leituras semanais a distância com discussão realizada pelo e-mail. 	18h
26-11 3-12 10-12 17-12	Leituras sugeridas: <ul style="list-style-type: none"> • <i>As flores do caminho</i> (26-11 e 3-12): Walter Benjamin. “Fragmento Filosófico-teológico”, IN: <i>Walter Benjamin. O anjo da história</i>. Org. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. • <i>Tempestades de Aço</i> (10-12 e 17-12): W.G. Sebald. <i>Guerra Aérea e Literatura</i>. Trad. TRADS. CARLOS ABBENSETH E FEDERICO FIGUEIREDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2011. • 17-12: Questões para a Prova Parcial 	16h
7-01-21 14-01 21-01	Leituras sugeridas: <ul style="list-style-type: none"> • 7-01-21 Entrega da Prova Parcial • <i>O historiador é o arauto que convida os defuntos à mesa</i> (7-14): Teses sobre o conceito de história. IN: <i>O ANJO DA HISTÓRIA</i>. TRAD. JOÃO BARRENTO. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2012. 	20h
28-01 4-02 11-02	Leituras sugeridas: <ul style="list-style-type: none"> • <i>Micronarrativas: fragmentos dos textos, Vertigem, Os emigrantes, Os anéis de Saturno, Austerlitz e Campo Santo</i>. (28-4-11) 	12h

Plano de Ensino para as UCs realizadas por meio de Atividades Domiciliares Especiais (ADE)

	<ul style="list-style-type: none"> • 4-02: Questões para a Prova Final. 	
18-02 25-02	Leituras sugeridas: <ul style="list-style-type: none"> • 18-02: Entrega da Prova Final • <i>Últimas polaroides (18-25): O passado deixou nos textos literários imagens de si mesmo, comparáveis às imagens que a luz imprime sobre uma chapa sensível. Imagens dialéticas: W.G. Sebald e Walter Benjamin</i> 	20h
Total de horas em ADE		90h
10/03/2021 - Prazo final para preenchimento da pasta verde.		